Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

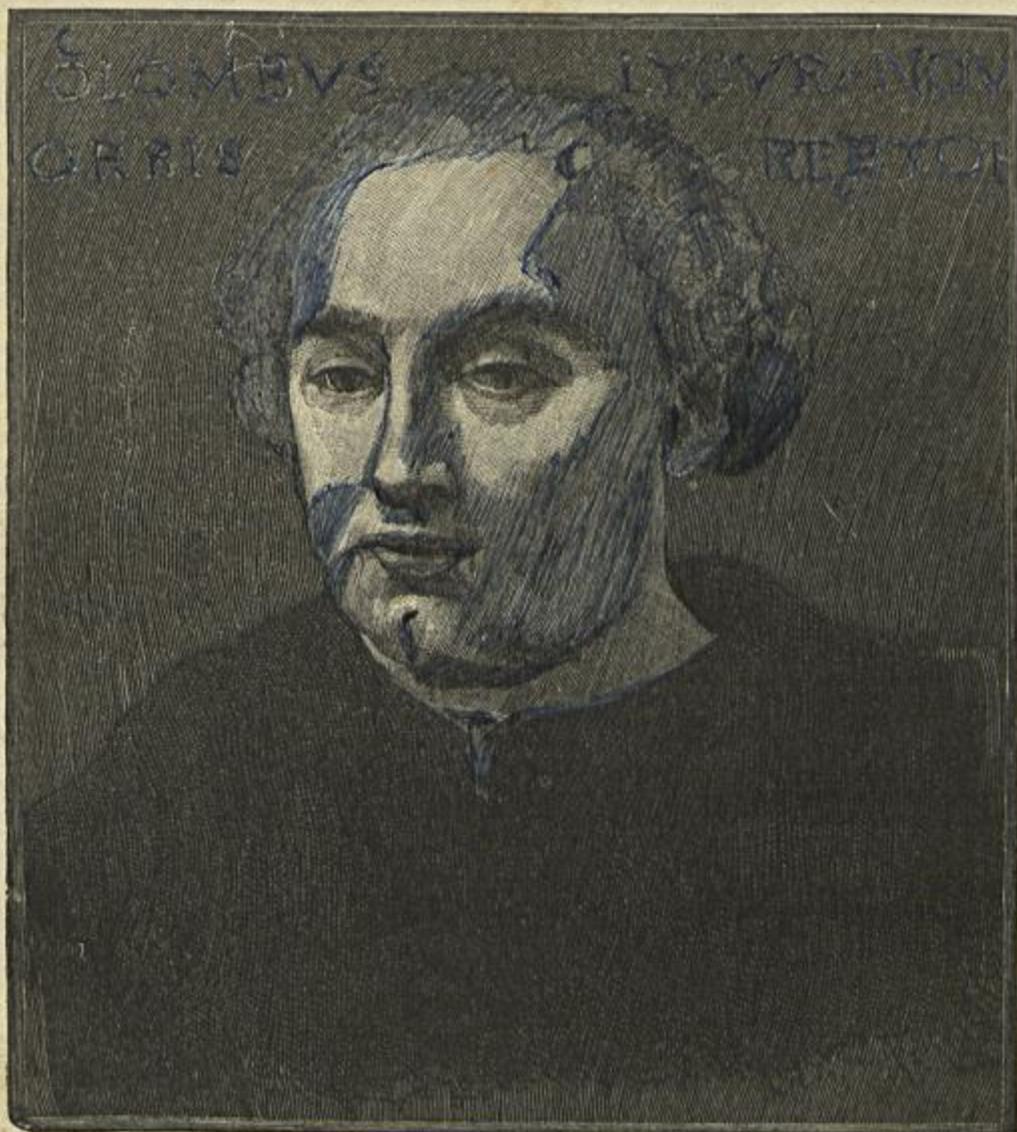
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 495

21 DE SETEMBRO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA POR CHRISTOVÃO COLOMBO

CHRISTOVAO COLOMBO — Copia de um retrato de Sebastiani del Piombo.
(Frei Sebastiani Luciani) pintor Veneziano 1485-1547
(Vid. art. «Authographos de Christovão Colombo»)

CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente quebrou-se o enguiço, e accordei a tempo de encontrar bilhete para os touros, sem ter que andar a correr atraz dos contractadores, ou que ficar esmagado entre a multidão enorme, que se acotovella na praça dos Restauradores, á porta da casa onde se vendem os bilhetes, desde o dia em que essa venda é annunciada.

Encontrei bilhete a tempo e fui feliz, porque a sorte fez com que essa unica tourada a que assisti fosse não só a melhor tourada da epoca, como tambem a melhor tourada que ha muitos annos tem havido em Lisboa.

Agradeço muito á sorte que assim me quiz mimosear com uma bella corrida e quasi que me sinto envergonhado para com ella, pela amabilidade do seu mimo, porque, verdade, verdade, elle podia ter recahido em pessoa que melhor o soubesse apreciar do que eu, que não sou um *afficionado*, um *dilletante* e que não entendo absolutamente nada d'aquillo.

As finuras da arte tauromachica, aquellas pequeninas minuciosidades que são saboreadas com delicia pelos entendedores, pelos finos *gourmets* da arte tauromachica, passam desapercebidas geralmente por mim, que não entendo senão aquillo que toda a gente entende, esses grandes effeitos que fallam a todos, sem necessidade de iniciação previa nos segredos da lide: um par de ferros bem mettidos, uma pega feliz, uma passagem de muleta espectaculosa, essas coisas que não só agradam aos iniciados, que enthusiasmam os profanos.

E a tourada a que eu fui teve muitas d'essas coisas que são para todos, alem das minucias que são só para os entendidos.

Ora a sorte foi muito amavel comigo, mas é preciso confessar-se que não foi só a sorte; que eu metti para ahi um bocadinho de prego e um bocadinho de estopa, e sobretudo muito de Salvador Marques que é um mestre, um erudito no assumpto.

E quem me aconselhou que entre as duas corridas do *Guerrita* escolhesse a segunda, foi elle, foi elle que n'uma prelecção sobre arte tauromachica moderna me fez comprehender, que depois que *Frascuelo* cortou a coleta, uma phrase que em estylo tauromachico quer dizer, se retirou da scena, é *Guerrita* o primeiro toureiro da Hespanha, o primeiro pela arte, pela valentia, pela elegancia, pela destreza, o primeiro porque reune em si as duas grandes escolas em que se devide a arte hespanhola, a escola da verdade e a escola do adorno.

E do mesmo modo que vimos um leigo em pintura, ao entrar n'uma galeria onde entre varios quadros de valor esteja um Raphael, um Rubens, ou um Murillo, ir logo direito ao quadro de mestre porque elle se impõe entre todos pelas suas linhas geniaes, eu que apezar de figurar n'um *Diccionario tauromachico* da Hespanha como um dos grandes entendedores e criticos da especialidade em Portugal, não entendo nada d'isso, entre todos os toureiros hespanhoes, que tenho visto, aquelle que maior impressão me produziu apenas o vi foi o Guerrita.

E viu-o ha muitos annos, viu-o ainda no tempo em que existia a fallecida praça do Campo de Sant'Anna, n'uma corrida nocturna em que elle, que semanas antes recebera de *Lagartijo* a alternativa n'uma das praças de Hespanha, toureava conjunctamense em *Punteret*, que figurava nos cartazes como a estrella da corrida.

A estrella era *Punteret*, mas eu de quem gostei foi de *Guerrita*, e gostei tanto que nunca mais me esqueci do garbo, da elegancia, da valentia, da gentileza com que elle avançava para o touro.

Nunca mais me esqueci do Guerrita e nunca mais fui a nenhuma tourada, — vejam que fresco amador que eu sou da arte — e agora quando se annunciou a chegada d'elle corri logo a munir-me de bilhete.

As touradas do Guerrita eram duas, uma no domingo outra na segunda feira. Duas touradas a seguir eram de mais para mim que na tourada a que fui, apesar d'ella ser excellente lhe encontrei um defeito, um só, — o ser muito grande, metter muitos bois: e por isso resolvi escolher uma. Qual? A primeira? A segunda?

Foi ahi que Salvador Marques me valeu.

— Escolhe a segunda, disse-me elle, que hade ser a melhor.

Escolhi a segunda, e já veem que não me arrependi, porque foi das melhores touradas que ha muitos annos tem havido em Portugal.

O divertimento das touradas, começa pela ida, que é das coisas mais pittorescas, mais animadas e mais alegres que ha na vida pacata de Lisboa.

A ida para os touros é um espectaculo a vêr-se, e que destaca pela sua jovialidade ruidosa de toda a semsaboria tristonha da vida lisboeta.

A avenida, a calçada de S. Sebastião, a Estephania, a estrada do Rego, o Arco do Cego, o Campo Pequeno apresentam n'esses dias um aspecto festivo, inteiramente fóra dos nossos habitos e que nos dá o ar alegre, movimentado, peninsular, d'uma grande cidade hespanhola.

A praça é grande e o seu aspecto externo deve ser magnifico, quando estiver concluida, para o que faltam ainda muito trabalho e muitos contos de réis.

O aspecto interior da praça é esplendido, imponente, e aquelle vastissimo amphitheatro cheio de gente como estava na segunda feira, de gente vestida com côres garridas, alegres, vistosas, de gente que falla, que grita, ruidosamente, alegremente, sem preoccupações de ceremonias e de etiquetas, offerece um espectaculo unico entre todos os divertimentos da nossa terra.

Não lhes descreverei a praça, porque guardo essa descripção para quando ella estiver completa: não lhes descreverei resumidamente a corrida, porque não sei descrevel a com a minuciosidade e a technologia precisas.

Os bois eram bravos, ageis, fortes, elegantes, e entre elles houve um magnifico que valeu ao seu dono o sr. Emilio Infante uma ovação enorme, um boi caraça, que parecia realmente vir mascarado com um *loup* branco, um animal soberbo, levado da breca, bravo como um touro, que se prestava a todas as sortes com uma boa vontade digna de todos os elogios e que fez andar cavalleiro, capinhas, bandarilheiros, todos quantos com elle se metteram, n'uma verdadeira dança.

O grande successo da corrida foi esse boi caraça, foi o cavalleiro Casimiro d'Almeida, irmão do nosso querido padre Antonio das Caldas, um cavalleiro destro, valente, que se atira para o boi com uma absoluta e completa despreoccupação do perigo, foi o Guerrita extraordinario pela sua serenidade, extraordinario pela arte primorosa com que enfeita um boi, extraordinario pela elegancia com que capeia, pelo tom olympicamente desdenhoso com que trata os touros, com que lhes volta as costas, com que se aproxima d'elles e lhes faz festas no focinho como se em vez de feras elles fossem uns pobres cães inoffensivos e bem ensaiados, extraordinario pela certeza e pela gentileza com que elle dá a estocada de morte, estocada que, se tem a certeza mataria logo ali fulminado o boi, se ella não fosse uma estocada a brincar.

E a respeito d'estas mortes simuladas vae por ahi uma renhida discussão entre os que querem que a sorte de morte figure a valer nas nossas touradas e os que não querem que as touradas portuguezas se transformem no espectaculo sangrento, repugnante, brutal, das touradas hespanholas.

Não comprehendemos muito bem o que quer dizer agora de repente esta febre de sangue de boi que accommetteu parte do publico ha tantos annos habituado ás touradas inoffensivas e pacatas da nossa terra.

Se se tratasse d'uma inovação, muito que bem, poder-se-ia discutir as vantagens ou desvantagens de trazel-a para cá, mas não se trata d'isso, trata-se d'uma coisa velha e relha, não se trata d'um progresso trata-se d'um retrocesso, d'uma coisa que nós já cá tivemos e que de cá banimos ha muito tempo, por cruel, por selvagem, por perigosa, d'uma coisa que mais nenhum paiz civilisado da Europa tem senão a Hespanha, a Hespanha que por isso mesmo é accusada em França, na Allemanha, na Inglaterra, em todo o mundo culto em summa, de pouco civilisada, e francamente não percebemos porque havemos nós agora de reconsiderar, de começar a andar para traz em vez de andar para diante, de ir buscar á nossa visinha Hespanha exactamente o que ella tem de mais selvagem, de mais repugnante, de mais barbaro, nos seus costumes, precisamente aquillo que todos os paizes conhecidos lhe condemnam. E é por tudo isto que achamos muito fóra de proposito esta discussão d'uma coisa já tão discutida, tão debatida e decidida em suprema instancia ha tantos annos.

Argumentos novos a favor da matança dos touros e da chacina dos cavallos não ha: argumentos novos contra essa chacina e essa matança ha alguns, a começar pela pratica de tantos annos das touradas portuguezas sem sangue de boi e sem tripa de pileca, e parece-nos que pelo menos é massada estar agora no fim de tantos annos a reeditar argumentos velhos e discussões bolorentas, de coisas de ha muito discutidas e resolvidas de ha muito.

*
* *

Como o inverno se vae aproximando e o outubro bate á porta, as portas fechadas do theatro de S. Carlos começam a preoccupar o publico, a entristecer os *delletanti* e d'ahi uma campanha contra o governo por não pôr o theatro a concurso.

Essa campanha é precisamente levantada no bico d'um alfinete e não se nos afigura que tenha muita razão de ser.

O governo poz ha mezes, quando ainda havia tempo de organisar companhias, o theatro a concurso e n'umas condições que levantou graves protestos, protestos justos até certo ponto, porque se por um lado tirava o subsidio ao theatro, dava-lhe a illuminação, e o scenario e guarda roupa para uma opera nova cada epoca, o que no fim de coutas vinha a ser um subsidio e não tão pouco importante como isso.

Entretanto apezar d'essas vantagens não appareceu nenhum concorrente.

Depois de fechado o concurso é que appareceram duas propostas para a adjudicação do theatro: uma d'ellas o governo não a achou acceitavel, a outra foi retirada pelos proponentes antes do governo tomar qualquer resolução.

Ora do mesmo modo que appareceram estas duas propostas, fóra do coucurso, é natural que se houver alguem mais que queira sob quaesquer condições explorar o theatro de S. Carlos, esse alguem fará a sua proposta expondo as suas condições e se as condições forem acceitaveis, o governo, que com certesa não dará o theatro sem concurso, abrirá decerto concurso novo, moldando o programma por essas condições.

Até agora não appareceu mais nenhum proponente e não nos parece que seja o concurso aberto no *Diario do Governo* que o faça nascer.

A' ultima hora falla-se, não sei com que fundamento, em tres emprezas que desejam explorar o theatro: uma do tenor Stagno com a sua companhia, outra do tenor Gabrielesco com a Gabbi Mancinelli e a companhia que está funccionando no Rio de Janeiro e outra finalmente da empreza do theatro Real de Madrid.

Se effectivamente assim é, não é necessario que o theatro esteja a concurso para qualquer d'esses cavalheiros apresentar as suas propostas: pelo contrario, não havendo concurso aberto cada qual tem maior liberdade em apresentar as suas condições, porque não tem de pautal-as pelas do programma e presentes ellas, o governo, se essas condições foram acceitaveis, abrirá então concurso tomando as por base.

Que essas propostas appareçam, que sejam rasoaveis, que o concurso se abra, que haja concorrentes, e que o theatro de S. Carlos não fique fechado, são os nossos desejos porque, se não entendemos em absoluto que sem S. Carlos se não pode viver, entendemos que é um dos principaes attractivos do inverno lisboeta e que seria muito bom que elle não ficasse fechado, não só para divertimento e prazer nosso, como tambem para que a ausencia da opera em Lisboa durante o inverno não seja symptomatica lá para fora d'um estado muito mais grave e decadente do que aquelle em que estamos.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA

AS FESTAS COLOMBINAS EM GENOVA

Tem sido pomposas as festas celebradas em Genova, suposta patria de Christovão Colombo, para commemorar o quarto centenario da descoberta da America, pelo audacioso navegador genovez.

Concorreram a essas festas as esquadras de todos os paizes que ali se fizeram representar incluindo Portugal, que enviou ao porto de Genova a corveta *Bartholomeu Dias*, um dos melhores navios da armada portugueza.

No dia 7 do corrente chegou a Genova, no *yacht*

Savoya, a familia real italiana, composta do rei Humberto e a rainha Margarida, o principe de Napoles, Victor Manuel, o principe Thomaz, duque de Genova, e o principe Victor, conde de Turim.

O porto de Genova apresentava um espectaculo deslumbrante. quando o pequeno *yacht* real seguia por entre as esquadras estrangeiras que salvavam, escoltado pelos vapores do commercio, estando todos os navios embadeirados em arco e as tripulações subidas ás vergas acclamando os reaes viajantes.

A entrada dos reis na cidade foi acompanhada das maiores demonstrações de enthusiasmo por parte da população de Genova, que toda se agglomerava para vêr a familia real.

Das janellas cahiam avalanches de flores sobre as carroagens reaes, e os sinos das torres da cidade repicavam alegremente.

O rei Humberto recebeu no dia 8 os cumprimentos dos almirantes e commandantes dos navios de guerra estrangeiros, do corpo diplomatico de todas as auctoridades superiores e dos presidentes da exposição, havendo depois um jantar no paço a que assistiram todos os que tinham ido á recepção.

Ha noite houve recita de galla, em que se cantou o *Othelo*.

No dia 9 a familia real visitou a exposição organisada por uma commissão, que se desempenhou distinctamente do seu cargo.

A exposição dividia se em diversas secções: a americana, a do trabalho, a de metallurgia, oenologia, operaria, a das missões catholicas, dirigida pelo bispo de Reggio, figurando ainda na exposição uma aldeia Patagonia com indigenas araucanos authenticos.

N'aquelle mesmo dia, ás duas horas, foi recebido solemnemente pelos monarchas italianos o almiranto francez Riennier o qual era portador de uma carta authographa do presidente Carnot para o rei Humberto. Foi cordealissima esta recepção e muito significativas as demonstrações de agrado feitas pelo povo ao almirante francez na sua ida e regresso do palacio real.

O rei Humberto recebeu tambem o coronel Murgesco portador de uma carta do rei Carlos da Romania com o mesmo ceremonial da recepção do almirante Riennier.

No dia 10 houve um grande baile nos paços do concelho, offerecido pelo municipio á familia real e a que assistiram mais de 3:000 convidados em que se contavam além da familia real os principes de Monaco, ministros e corpo diplomatico, almirantes e officiaes das esquadras estrangeiras, etc.

Este baile teve um explendor que excede toda a imaginação. O palacio municipal estava reunido ao palacio Podestá e palacio Branco por meio de galerias, formando assim uma fileira de salões deslumbrantes pelas luxuosas decorações e brilhante illuminação.

Houve tambem um grande banquete militar de 116 talheres em que tomaram logar os almirantes e officiaes superiores das esquadras estrangeiras, e os almirantes, generaes e coroneis italianos.

A bordo do couraçado francez *Formidable* realisou se uma explendida festa em honra do rei Humberto que a ella assistiu.

No dia 13 foi a visita do rei Humberto ás esquadras estrangeiras principiando pela esquadra franceza, visitando depois o couraçado hespanhol *Pizarro*.

Assim tem celebrado a cidade de Genova o glorioso centenario da descoberta da America pelo seu conterraneo Christovão Colombo, facto historico da mais alta importancia e de cuja gloria tambem Portugal quinhoa, pela parte mais ou menos indirecta que n'elle tomou.

A corveta *Bartholomeu Dias* vem já em regresso da sua viagem, que foi tambem uma viagem de instrucção de guardas marinhas.

DR. CASTELLO BRANCO SARAIVA

Se podesse haver duvidas sobre a excellencia de caracter e dedicação humanitaria do dr. Castello Branco Saraiva, as manifestacões de dôr e de saudade feitas por uma boa parte do povo de Lisboa, emt orno da sua sepultura, provariam exhuberantemente quanto eram reaes e verdadeiras aquella excellencia de caracter e dedicação humanitaria do benemerito medico dos pobres.

Provariam-n'o sim exhuberantemente, porque á beira da sepultura do illustre medico agruparam-se todas as classes sociaes, avultando sobre todas a classe trabalhadora e pobre que ia ali affirmar que tudo quanto se dizia e contava da abnegação e inexcedivel caridade do medico, era verdade, porque ella o pranteava com as lagrimas sinceras do reconhecimento, tão expontaneas como os testemunhos de saudade e de respeito que a levaram a acercar-se presurosa do cadaver do seu bemfeitor.

A politica não entrou ali, nem tinha muito que entrar, porque acima d'ella estava a benemerencia do homem e do medico que todos recordavam-e de que todos lastimavam a perda.

O dr. Castello Branco Saraiva era primeiro que tudo um humanitario, e até no seu ideal politico pela republica se acentoava o seu espirito humanitario, desde que as suas convicções eram de que pela republica o povo seria mais feliz, e n'elle não dominava nenhum outro espirito de interesse pessoal.

Republicano convicto fazia a sua propaganda educando o povo, procurando unil o na communidade de interesses, e sem violencias, seguindo os exemplos de Elias Garcia e de Sousa Brandão, confiava tudo na idéa que o tempo se encarregaria de transformar em facto.

Foi assim que elle apostolou o principio da associação entre o povo e deu força e trabalhou quanto em si coube para fundar as associações dos: *Carpinteiros Pedreiros e artes correlativas; Instrucção Guilherme Cossoul; Soccorros Mutuos Onze de Dezembro; Humanitaria dos Operarios Lisbonenses; Auxiliar dos Inhabilitados no Trabalho*, etc.

Deu-lhe o seu trabalho, a sua bolsa, a sua intelligencia e acabou por lhe dar a propria vida, porque o excesso de fadiga mais lhe abreviou a existencia, affectando-lhe a sua construcção debil.

Castello Branco Saraiva foi assim muito mais util aos seus concidadãos do que se fosse um politico exaltado, um publicista incendiario, um partidario apaixonado, instigando o povo obsecadamente, sem curar de mais nada.

A sua politica foi mais transcendente e mais pratica, tinha por base a humanidade, curando das suas miserias como o melhor meio de a emancipar d'ellas.

*
* *

José da Cunha Castello Branco Saraiva era natural de Lisboa onde nasceu a 18 de abril de 1848. Filho de Ignacio José Saraiva Walter e de D. Maria José da Cunha Saraiva.

Doutorou se em medicina na Universidade de Coimbra, em 1876, e o seu curso foi dos mais brilhantes que têm havido n'aquelle estabelecimento de ensino.

O seu caracter bondoso mereceu as sympathias e estima de toda a academia, Fundou, collaborou e administrou ainda estudante, uma das mais apreciaveis publicações que se tem feito na Athenas portugueza, *Estudos Cosmologicos* collaborados pela flor dos academicos.

Tendo em justa conta o sacerdocio medico, nunca se importou saber se lhe pagariam o seu trabalho quando lhe reclamavam a assistencia, e quantas e quantas vezes o medico dava além da sua sciencia, o dinheiro com que se havia de pagar o medicamento que receitava.

Lêmos algures que pouco tempo antes de elle fallecer, um seu collega o encontrou sentado nos degraus de uma escada de um quarto andar.

— Então tu estás aqui, lhe interrogou o collega admirado.

— Estou sim, vim vêr um pobre desgraçado que ainda está peior do que eu, e um violento ataque de tosse embargou lhe a falla.

— Já agora ajuda-me a descer a escada.

E o collega, pungido de dôr e cheio de admiração e respeito por aquella abnegação, amparou o carinhosamente até o fim da escada.

O doente que elle fôra visitar era pobre e elle nada auferia d'essa visita.

Castello Branco Saraiva, foi um dos fundadores do *Club Fernandes Thomaz* onde se fizeram algumas conferencias publicas de propaganda republicana que despertaram a attenção das auctoridades. Uma d'essas conferencias fez com que o governador civil, que ao tempo era o conselheiro Arrobas, mandasse fechar o Club e prender o prelector e a presidencia.

Castello Branco Saraiva teve por este facto que responder em juizo e soffreu a condemnação de 10 dias de cadeia.

Esta pena valeu-lhe depois uma ovação calorosa e a sua popularidade redobrou.

Elle continuou imperturbavel na sua obra, como um crente na emancipação do proletario.

Os seus serviços medicos foram aproveitados por uma boa parte da população de Lisboa, muito especialmente pelas classes pobres, que tinham n'elle e o seu medico, como muitos diziam.

O dr. Castello Branco Saraiva era sub-delegado de saude, cargo que desempenhou sempre com zelo e dedicação pouco vulgar e de que existem importantes relatorios seus, no Ministerio do Reino.

Voltemos ao principio:

Se podesse haver duvidas sobre a excellencia de caracter e dedicação humanitaria do dr. Castello Branco Saraiva, as manifestações de dôr e de saudade feitas por uma boa parte do povo de Lisboa, em torno da sua sepultura, provariam exhuberantemente quanto eram reaes e verdadeiras aquella excellencia de caracter e dedicação humanitaria do benemerito medico dos pobres.

Que tenha a paz que Deus reserva aos bons.

OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

XII

(Concluido do n.º antecedente)

Este asylo chamado Asylo de Nossa Senhora da Esperança foi fundado em 20 de julho de 1863 pelo bacharel João Diogo Jusarte de Sequeira Sameiro, natural de Castello de Vide e pertencente a uma familia distincta e antiga do Alemtejo.

O Asylo foi fundado unicamente por elle, sem auxilio algum extranho e n'essa obra pia gastou cêrca de cem contos de réis.

João Diogo era cego e dos 17 irmãos que tivera apenas um não tivera a cegueira como patrimonio: todos os outros padeciam mais ou menos da vista.

Aos 56 annos de idade João Diogo quiz organizar familia, casou com uma sua sobrinha de quem teve tres filhos, que todos morreram.

Percebendo que Deus não queria que elle tivesse familia, não queria dar-lhe herdeiros á sua grande riqueza, resolveu fundar um asylo para cegos de ambos os sexos, e escolheu para isso o extincto convento de frades franciscanos, que estava em ruinas; mas como o edificio pertencia ao Estado esperou que elle fosse á praça.

Entretanto sua esposa falleceu e quasi sosinho no mundo, velho, doente, não quiz esperar mais tempo e estabeleceu provisoriamente o seu asylo no edificio da Antiga Misericordia, e ahi o inaugurou em 20 de julho de 1863, ficando n'esse dia alojados no asylo 4 cegas e 2 cegos.

Essa inauguração foi uma memoravel festa na villa, e á noite todas as casas e edificios de Castello de Vide se illuminaram festejando assim o piedoso acontecimento.

De accordo com seu irmão José Godinho — o unico sobrevivente de seus irmãos e o unico que não era cego — redigiu os estatutos do estabelecimento, e feitos elles, fez o seu testamento em 7 de junho de 1865. D'ali a dois mezes certos — em 7 de agosto do mesmo anno, o benemerito cidadão falleceu, como que se depois de concluida a sua grande obra caridosa tivesse acabado a sua missão n'este mundo.

Por morte de João Diogo deu-se um pleito notavel e talvez unico nos annaes judiciaes.

O instituidor do asylo dizia no seu testamento que caducando o legado ao asylo, esse legado passaria aos seus herdeiros naturaes dvidindo-se em tres partes eguaes de 30 e tantos contos, uma para seu irmão José, outra para uma irmã religiosa do convento das Bernardas de Portalegre, e outra para ser dividida por seus sobrinhos.

Esses sobrinhos propozeram em juizo acção contra o asylo.

Ora se essa acção se vencesse elles receberiam entre todos os 30 contos, e José Godinho só a sua parte 30 contos e sua irmã outros 30.

Pois José Godinho e sua irmã defenderam tenazmente o asylo, e luctando para que o asylo vingasse, venceram, isto é perderam cada um trinta contos que lhes caberiam se o asylo perdesse a causa.

E' ou não é este um rasgo estranho de abenegação, de desinteresse perfeitamente raro, quasi inverosimil nos tempos egoistas em que estamos vivendo?

José Godinho comprou o convento dos Franciscanos e para elle transferiu o asylo como era vontade de seu irmão, e é n'esse edificio que elle ainda hoje existe.

O edificio, depois de reconstruido, obras em que se gastaram 15 contos, é vasto e foi feito de proposito para a applicação a que se destinava. Tem um grande deposito d'agua, uma enfermaria para homens, outra para mulheres, dois grandes dormitorios para homens e tres para mulheres, um parlatorio para cada sexo, dois refeitorios, dois terraços.

Os homens estão absolutamente separados das

mulheres e esta medida foi tomada depois d'um facto que se deu deveras estranho e original — um cego raptar uma cega e fugirem ambos do asylo.

E' claro que cegos ambos, os dois namorados foram logo apanhados, mas d'então para cá a administração percebeu que a respeito de amor nem em cegos havia que fiar e separou a estopa do fogo.

*
* *

Quando sahimos do asylo passava das 10 horas da noite.

A noite estava magnifica e um luar esplendido illuminava toda a villa de Castello de Vide.

Andámos passeando a esse luar, depois, ás 11 horas tomamos chá, e apesar de moidos pela viagem esquecemo-nos de que as horas iam passando entretidos pelo bello cavaco de João Severianno, Ramiro Murta, Adolpho Figueiredo, Campos, recista, tudo! visitámos, o Hotel Caraça, um hotel pequeno mas muito limpo, e de preços muito limitados, visitámos as salas da Camara, da Administração do Conselho onde estivemos lendo o foral dado por El-Rei D. Manuel áquella Villa, visitámos o Club que está muito bem arranjado, com as suas salas de leitura, de bilhar, de jogos de vasa, um club pequeno, como pequena é a villa, mas acceiadissimo e confortavel como ella é.

Castello de Vide é uma povoação antiguissima, porventura a mais antiga do Alemtejo, pois a sua existencia é anterior ao dominio dos romanos.

O seu nome primitivo era Villa de Vide, segundo uns, ou Villa Devide, segundo outros por estar proxima da divisão de Portugal e Castella. Entretanto as melhores opiniões são pela primeira versão, versão que filia o nome da villa n'uma grande Vide que havia no sitio onde se fundou o Castello, que tem por brazão um castello cercado por uma vide.

Antes do foral de D. Manuel, que nós lêmos na administração do concelho, Castello de Vide tinha já tido dois foraes, um dado em 1180 por Pedro Annes, outro em 1310 por D. Diniz.

Foi este rei que reedificou o Castello, que remonta ao tempo dos romanos, e lhe fez a torre de menagem, hoje desmantelada, em ruinas, como aliás todo o resto do castello.

Ainda ha pouco tempo havia em Castello de Vide, logo á entrada, vindo de Marvão, um monumento antigo muito curioso, a porta da Aramanha, um bello portico em cantaria lavrada, que da antiga cidade de Medobriga fôra para ali levado em 1710.

A camara municipal mandou ha poucos annos tirar esse portico, cuja photographia vimos em casa do nosso illustre hospedeiro.

A villa apesar de antiguissima não tem nada o aspecto antigo a não ser nas cercanias do castello: emquanto ao mais o seu aspecto é perfeitamente o de uma villa moderna, alegre, com ruas largas, com uma espaçosa avenida que é a sua arteria principal, graças aos bons serviços das suas camaras municipaes, graças ás edificações modernas que nos sitios principaes da villa se tem feito.

Castello de Vide foi berço do notavel estadista José Xavier Mousinho da Silveira, que ali nasceu em 12 de julho de 1786, e que tem ali o seu solar de familia.

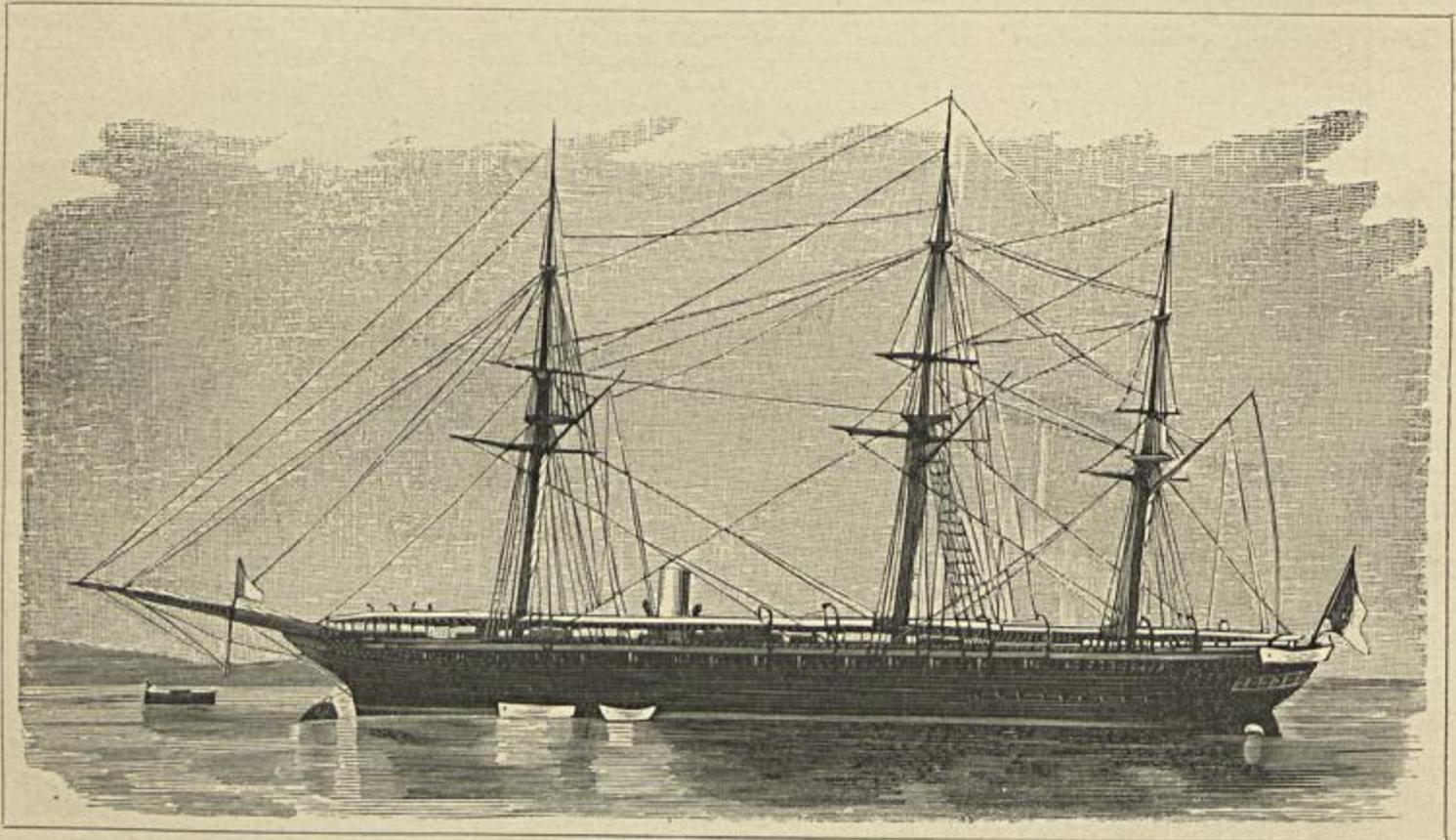
E' tambem natural de Castello de Vide um dos vultos mais respeitados do partido progressista, pelo seu alto saber e pelo seu honrado caracter o nosso presado amigo, o sr. dr. Laranjo.

No Rocio da villa, que a nossa gravura hoje representa, ha um bello monumento em pedra commemorativo da visita que a Castello de Vide fez El-Rei D. Pedro V.

O monumento que é todo de pedra representa D. Pedro V, em pé. Foi começado em 30 de setembro de 1870 e inaugurado, com grande solemnidade, em 29 de setembro de 1873.

XIV

Depois de visitar a villa, jantámos em casa do sr. João Severiano com as pessoas mais importantes da villa e a esse jantar fizemos conhecimento com o sr. dr. Roma, o medico do Pezo, um cavalheiro muito sympathico e intelligente, que tendo perdido o comboyo da manhã viera esperar para casa de João Severiano o comboyo da noite.

CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA POR CHRISTOVÃO COLOMBO

A CORVETA «BARTHOLOMEU DIAS», NO PORTO DE GENOVA POR OCCASIÃO DAS FESTAS COLOMBINAS

(Segundo photographia)

Antonio Luciano, Dr. João Luiz, Caldeira Rebollo, e passava da uma quando recolhemos aos nossos aposentos.

XIII

Deitamo-nos com a mais formal tenção de na manhã seguinte partirmos para Lisboa; mas o homem põe e a cama dispõe.

As camas do Hotel do Dominguinhos tinham-nos habituado a dormir pouco; a da casa do sr. João Severiano tirou-nos esse costume e o comboyo tinha partido ha que tempos da estação de Castello de Vide quando nós abrimos os olhos.

Fez-nos certo transtorno o perder esse comboyo, mas soube-nos tão bem passar mais um dia n'aquelle sitio encantador e com aquelles excellentes companheiros, que ficámos contentes por tel-o perdido.

N'esse dia visitámos o Castello em ruinas, d'onde se vê um panorama lindissimo e vastissimo, visitamos o theatro de Castello de Vide improvisado n'uma das dependencias do Castello, um theatro pequeno, muito primitivo, mas onde se passam divertidas umas horas com os ensaios e com as recitas, theatro de que Adolpho de Figueiredo é a alma, actor, ensaiador, scenographo, ade-

A noite passou-se toda em cavaco, o Rebollo recitou umas bellas poesias do Dr. Costa Santos, o Adolpho Figueiredo recitou com immensa graça, d'improviso, uma sombra de monologo que de improviso eu escrevi, sem graça nenhuma; contaram-se anedoctas, o sr. João Severiano já de todo restabelecido dos seus incommodos, contou, com a sua jovialidade encantadora, engraçadas historias, e á uma hora recolhemos aos nossos quartos com pena de ter que deixar na manhã seguinte aquella deliciosa convivencia.

Mas não havia outro remedio, e no dia immediato, ás 9 horas da manhã na victoria de João Severiano, puchada por uma orça que parece que tem azas, seguimos a rasgado trote para a estação de Castello de Vide a esperar o comboyo que vinha de Valencia d'Alcantara.

O comboyo chegou, abraçamos mais uma vez os nossos queridos amigos de Castello de Vide abraçamos João Severiano com as saudades que teriamos d'um amigo de muitos annos, apezar de apenas o conhecermos ha dois dias, e despedimonos de todos promettendo-lhes voltar ali muito breve, promessa que esperamos cumprir d'aqui a mezes, e na companhia do nosso bom Rebollo partimos para Lisboa.

A viagem para lá fez-se sem peripecias, para cá

teve uma:—a demora de duas horas em Abrantes, com trasbordo forçado, por causa do descarrillamento do comboyo ascendente; o comboyo porém recuperou o tempo perdido vindo por ahi abaixo com uma rapidez que está muito fóra dos seus habitos, e á hora precisa chegava á estação de Santa Apolonia.

Mettemo-nos n'uma typoia viemos a casa mudar de fato e largar o pó e partimos para a Trindade onde fazia beneficio a gentil actriz Candida Palacio, com uma operetta n'um acto que expressamente para ella tinhamos escripto com o D. João da Camara.

Chegámos ao theatro muito tarde exactamente quando subia o panno para a *operetta*, mas depois de a ouvirmos comprehendemos que tinhamos chegado cedo de mais e tivemos muitas saudades dos nossos oito dias no Alemtejo, e de não termos feito d'esses oito dias... nove.

Gervasio Lobato.

que são tidos como insignes nos estudos da cosmologia e da astronomia.

VIII

Eis agora as cartas authographas do grande navegador:

Fray Don Gaspar de San Lucar. Reverendo e my devoto Padre:

Al reverendo muy devoto Padre. Si el deseo de saber de vos me fatiga ansi andando a alla á donde voy, como hará aqui? Recibiré gran pena.—Las cosas de mi despacho me han cargado tanto que he dejado al resto: y esto por hacer todo mas dispacio. El Senor Adelantado ya partio con los navios para despalmar en la Puebla Vieja. Mi partida será en nombre de la Santa Trinidade el miercoles en la manãna—A la vuelta verá V. R. a D. Diego y le emporna bién en lo de mi memorial que yo le dego del cual queria yo que tuviesedes un traslado. Alla van por mi arquita para algunas escrituras.—La carta escribiré de mi mano.—D. Diego se la traerá con mis encomiendas: á esos devotos religiosos me encomiendo, en especial al Reverendo Padre Prior que soy muy suyo y deseoso de servile—Fecha a 4 de abril (1502)—Para lo que V. R. mandare

S
S A S
X M Y
XPO FERENS

Quando Christovão Colombo desembarcou nas longiquas terras da America, depois de setenta dias de viagem pelo Oceano, alguns dos indigenas julgáram ver n'aquelle homem, e seus companheiros, entes sobrenaturaes que tinham ido do Ceo e muito mais se acreditaram em tal quando Christovão Colombo fez o *milagre* do eclipse da lua. (29 de fevereiro de 1504).

*
* *

Christovão Colombo costumava a assignar as suas cartas com aquellas iniciaes mysteriosas das quaes ainda não se poude saber a significação.

D'essas iniciaes fallaremos no fim d'estes nossos artigos.

IX

Al Reverendo y mui devoto Padre D. Gaspar en las Cuevas de Sevilla.

Reverendo y mui devoto Padre: El vendaval me detuvo en Calis, fasta que los Moros cercaron à Arcila, y con el sali al socorro, y fui al puerto. Despues mi dio Nuestro Señor tan buen tempo que vini aqui en cuatro dias—Agora será mi viage en nombre de la Santa Trinidad, y espero della la vitoria.

Acuerdese V. R. de escribir á menudo á Diego y acuerde á Micer Francisco de Rivarol el negocio de Roma, que non le escribo por la prisa.—Al Padre Prior y á todos, devotos Religiosos me encomiendo—Todos acá estamos buenos á Dios Nuestro Señor gracias. Fecha em Gran Canaria.. (o original acha-se roto n'este sitio. Só se póde ler o fecho da carta que é:) Para lo que V. R. mandare

A
S A S
X M Y
XPO FERENS

Colombo chegou á Grande Canaria na sua ultima viagem, em 1502, e continuou d'ali a sua

CASTELLO DE VIDE—ROCIO E MONUMENTO A D. PEDRO V

Vid. art. «Oito dias no Alemtejo»

(Segundo uma photographia de Mimoso)

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

VII

(Continuado do n.º antecedente)

E tendo feito assim, Christovão Colombo teria destruido, ainda mais que destruiu, o errado preconceito da terra ser plana, e demonstrado aos olhos d'aquelles sabios, por meio de provas indescutiveis, a esphericidade da terra.

De resto, Christovão Colombo, não podia conformar-se — apezar de toda a sua gloria — de não ter descoberto a suspirada *Cathay*, e foi n'esse intuito que elle ateimou em de novo fazer as travessias do Oceano e redobrou de actividade nas suas outras viagens ás *indias occidentaes*.

Quando elle na sua primeira viagem descobriu a ilha de Cuba julgou ter encontrado a famosa *Cipango*, de Marco Paolo, mas ficou ainda em duvida, e, na verdade era para assim ficar.

Isto prova quanto são falliveis os calculos dos grandes mathematicos e erradas as previsões dos

É deveras curiosa a devoção de Christovão Colombo pela Santissima Trindade.

Com effeito este grande homem parecia já predestinado pela Providencia para tão glorioso emprehendimento.

O seu nome de *Christovão* vem do grego que significa *Conduz a Christo. Colombo* é palavra que vem do latim *Colombus: pomba*; (a imagem do Espirito Santo.)

derrota do dia 25. Por conseguinte a data deve ser a de algum d'esses dias.

X

(no subscripto) Al Reverendo y muy devoto Padre Fray Don Gaspar, en las Cuevas de Sevilla.

Reverendo y mui devoto Padre: Si mi viaje fuera tan apropriada á la salud de mi persona y descanso de mi casa, como amuesta que haya acrescentamiento de la Corona Real del Rey é de la Reina mis Señores, yo esperaria de vivir mas de cien gibileos. El tiempo no dá lugar que yo escriba mas largo. Yo espero que lo portador sea persona de casa que los dirá por palabra mas q se pueda decir em mil papeles. Tambien suplirá D. Diego.—Al Padre Prior y á todos os Religiosos pido por merced qui se acuerden de mi en todos sus oraciones Fecha en la Isla de Janahica a 7 de julio de 1503—Para lo que V. R. mandare

S
S A S
X M Y
XPO FERENS

Esta carta foi escripta por Colombo na sua 4.ª viagem, na ilha de Jamaica onde esteve quatorze mezes.

Regressou a S. Lucar em 7 de novembro de 1504.

XI

(subscripto) Al Reverendo e my devoto Padre Fray Don Gaspar, en las Cuevas.—

Reverendo y mui devoto Padre: Diego Mendes es venido de la corte, D. Diego queda bueno. El sr. Adelantado y D. Fernando no eran llegados yo os lo enviaré allá con las nuevas de todo. Yo non sey que diga a mi deseo de veros y communicar algo que non és de péndula. Las escrituras que teneis querrialas ver; y par esos privilegios querria mandar hacer una caja de corcha enforrada de cera. Pidoos por merced que si el Donato, aquel hombre honrado, hobiere de venir acá, que con él me envieis todo, o con Andrea, hermano de Juan Antonio portador desta.—De mi mal cada dia estoy mejor Gracias a Nuestro Señor. El Padre Prior en su merced me encomiendo y de todos esos Religiosos.—Feche hoy sabado 4 de enero...

A lo que A. R. mandare

S
S A S
S M X
XPO FERENS

Corresponde a 4 de janeiro do anno de 1505.

A este tempo já Christovão Colombo se achava em Sevilha.

XII

(no subscripto) A mi muy caro fijo D. Diego Colon.

Muy caro fijo. Recebi tu carta con el correo. Fecistes bien de quedar allá á remediar algo y a entender ya en nuestros negocios. El Sr Obispo de Palencia siempre desque yo vine á Castilla me ha favorecido y deseado mi honra. Agora es de le suplicar que les plega de entender en el remedio de tantos agravios mios; y que el asiento y cartas de merced que sus Altezas me hacieron que las manden cumplir, y satisfacer tantos daños, y sea cierto que se esto hacen sus Altezas que les multiplicará la hacienda y grandeza en increible grado. Ya no le parezca que 40:000 pesos de oro sean, salvo representacion que se podia haber muy mayor cantidade, si Satanás no lo estorbara en me empedir mi disiño; porque cuando yo fui sacado de las Indias tenia um filo para dar suma de oro imcomparable á 40:000 pesos.—Yo fago juramento, y esto sea para ti solo, que de las mercedes que sus Altezas me tienen fechas, en mi parte me alcanza el daño 10 cuentos cada año y que jamáis se pueden rehacer. Ved que parte será o es la que toca á sus Altezas, y no lo sienten. Yo escribo á su merced, y me trabajaré de partir para allá. La llegada y el resto es en las manos de nuestro Senor: Su misericordia es infinita—Lo que se haz y está para hacer diz San Agostin, que ya está hecho antes de la creacion del mundo.—Yo escribo tambien à estotros senores que dice la carta de Diego Mendez. En su merced me encomiendo con las nuevas de mi ida, como dige arriba; que cierto estoy con gran temor, porque el frio tiene tanta inimistad con esta mi enfermedad que habré de quedar en el camino.

Plugome mucho de oir tu carta, y de lo que El Rey nuestro Senor dija por el qual le beserás las Reales manos. Es cierto que yo he servido a sus Altezas con tanta déligencia y amor como y mas que por ganar el paraiso; y si en algo ha babido falta habrá sido por el imposible ou por no alcanzar mi saber y fuerzas mas adelante. Dios nuestro Senor en tal caso no quier de las personas salvo de la volontad.

Yo llevé de aqui dos hermanos, que se dicen Parras a ruego del Sr. tesorero Morales. El uno fue por capitan, y el otro por contador, ambos sin habilidad destos cargos; é yo con atrevimiento de suplir por ellos, por amor de quien me los dió. Allá se tornaron mas vanos de lo que eran. Muchas incivilidades les relevé que no hiciera a un pariente y que eran tales que merecian más otro castigo que reprension de boca. En fin llegaron a tanto que aunque yo quisiéra non podia escusar de non llegar a lo que fue. Las pesquisas harán fe si yo miento. Alzaronse en la Isla de Jabanica de que fui yo tan maravillado como si los rayos del sol causaran tiniebras. Yo estaba a la muerte y me martirizaron cinco meses con tanta crueldad sin causa. En fin yo los tuvo a todos presos, y luego los di por libres, salvo al capitan que yo traia a sus Altezas preso.

Una suplicacion que me hicieron con juramiento que con esta te envio te dirá largo desto, bièn que las pesquizas son las que fablan largo, las cuales y el escribano vienen en otro navio que yo espero de dia en dia. Este preso prendió el gobernador en San Domingo. Su cortesia le constringio à hacer esto, yo tenia en mi instruccion un capitulo en que sus Altezas me mandaban que todos me obedeciesen, y que tuviesse yo la justicia civil y criminal sobre estos que fueron commigo, mas no aprovechó con este, el qual dijo que non se entendia en su termino. Envióle acá á estos Senores que tienen cargo de las Indias sin pesquisa ni proceso ni escrito. Ellos non le recibieron y se van sueltos.—Non me maravillo si nuestro Senor castiga. Ellos fueron allá con sus barbas de poca verguenza. Rebeldaria tal, ni traicion tan cruel se oyó nunca.—Yo escribi desto a sus Altezas con la otra carta y que non era razon que consintiesen este agravio. Tambien escribi al Sr tesorero que le pedia por merced que non diese sentencia en palabras que estos le dijesen fasta oirme. Agora será bien que yo le acoerdes de nuevo. Non sé como osan de ir delante del con tal empresa. Yo lo escribo á el otra vez, y le envio el traslado del juramento como a ti fago, y otro tanto al dotor Angulo y licenciado Zapata En su merced de todos me encomiendo, con aviso que mi partida pois allá será breve.

Folgára yo en ver carta, de sus Altezas, y saber que mandan. Debeslo de procurar si vierdes el remedio, Tambien de me encommendar al Sr. Obispo y a Johan Lopez con la memoira de mi enfermidad y des galardon de mis servicios.

Estas cartas que van con esta debes de leer por te conformar con la fabla de ellas.

A Diego Mendez agradesco su carta; no le escribo porque sabrá de ti todo, y por mi mal que me causa.

Carvajal y Gerónimo en tal tiempo entuvieram bien en la córte, a fablar en nuestro provecho con estos señores y con el secretario

Fecha en Sevilla a 21 de noviembre. (1504). Tu padre que te ama mas que a si.

S
S A S
X M Y
XPO FERENS

*
* *

P. S.

Yo torné á escribir a sus Altezas suplicandoles que mandasen a proveer de la paga desta gente que fueron commigo, porque son pobres y anda en tres años que dejaron sus casas. Las nuevas que les traen son mas que grandes. Ellos han passado infinitos peligros y trabajos. Yo non quisi robar la tierra por non escandalizarla, porque la razon quiere que se pueble y entonces se habra todo el oro a la mano sin escandalo. Fabla dellos al Secretario y al Sr Obispo y a Juan Lopes, y a quien vieredes que conviene.

*
* *

Esta carta foi escripta em 1504. O bispo a quem Christovão Colombo se refere, e diz que o tem favorecido e desejado as suas prosperidades é D. Diogo de Deza, bispo de Palencia e que depois foi arcebispo de Sevilha.

Como se vê o grande almirante queixa-se amargamente da rebellião de Diogo de Purros e seu irmão Francisco de Purros, por factos praticados na ilha Jamaica.

Francisco de Purros foi na expedição como capitão na caravella *San Thiago de Palos*, e seu irmão Diogo, como escrevente e official da armada.

Estes dois patifes concitaram a tripulação a revoltar-se justamente na occasião em que o grande almirante estava doente de cama, com os navios despedaçados pelas tempestades e sem viveres para a marinhagem. Tendo Christovão Colombo mandado pedir soccorros a Ovando, governador de S. Domingos, enviou para esse fim Diogo Mendes. Claro está que Ovando, rival e inimigo do grande almirante, lhe recusou esses soccorros, demorando Diogo Mendes, com promessas fementidas, entretanto que uma parte da tripulação das caravellas morria pelo escorbuto e pela syphilis, doenças ignoradas então na Europa, e o resto dezimada pela fome!

Francisco Purros aproveitou-se d'estas desgraças dizendo á tripulação que Diogo Mendes não voltava, e que tudo aquillo eram ardis do almirante para enganar a tripulação e a tranquilisar porque elle, Purros, estava intimamente persuadido que o almirante não tinha tenção, nem desejos de voltar a Hespanha, d'onde se achava banido.

Estas palavras produziram o seu effeito e 48 rebeldes se passaram para a *Espaniola* (Haiti) onde commetteram as maiores atrocidades. Christovão Colombo só ficou com os doentes e os seus mais fieis, e para se salvar teve de valer-se do effeito produzido nos indigenas por um providencial eclipse da lua, que atterrou os naturaes, pois que julgaram que Christovão Colombo o havia determinado para os castigar. Em grande grita pediram ao almirante para que intercedesse por elles porque promettiam dar-lhes tudo de que elle e a sua tripulação carecessem.

Christovão Colombo recolheu-se ao seu gabinete dando tempo a que o eclipse começasse a diminuir, e, subindo disse que a ira de Deus se acharia apaziguada se os indigenas cumprissem como promettido. Poucas horas depois entrava nas embarcações grande carregação de viveres e os revoltosos tiveram de ser submettidos á viva força, sendo essa a primeira lucta de europeus que se travou n'aquellas longiquas terras. Os indios estavam pasmados ao verem morrer, como elles, esses que elles julgavam entes divinos e portanto immortaes! Francisco Purros foi feito prisioneiro por Bartholomeu Colombo, irmão do almirante.

No dia seguinte, as caravellas, já meio concertadas, partiam para Hespanha.

*
* *

A narração da quarta e ultima viagem de Christovão Colombo foi escripta por Diogo Purros. Como deve suppôr-se o patife cala o facto da revolta na Jamaica e mette em algumas paragens da sua narrativa certas insidias só proprias d'um prejuro e d'um traidor, infame e miseravel.

Diogo Mendes é a antithese dos irmãos Purros. Cheio de dedicação, e valente até á temeridade, serviu de grande auxilio ao almirante, principalmente quando, quasi que fugida toda a esperança, foi pedir soccorro a Ovando, governador de S. Domingos, pondo em grave risco a sua propria vida.

Silva Pereira.

UM SUICIDIO

Atravessei então a enfermaria.

D'um e outro lado, os rostos pallidos dos enfermos, saindo debaixo das cobertas de ramagé, espreitavam á minha passagem admirados de ver um estranho profanar a morada do Soffrimento.

Procurei por entre aquellas caras macilentas, a do amigo que poucos dias antes entrára para ali, até que finalmente a descobri na cama 27.

—Então como vai isso hoje, lhe perguntei eu sentando-me na borda do leito.

—Melhor, pouco melhor, tornou elle com voz triste.

—Mas, porque foi essa maluqueira? Palavra que estou ancioso por saber. Quando aqui estive ha dois dias, não me permittiram que te falasse, e fiquei deveras intrigado por não saber o que te levára a esse estremo.

—Não vale a pena falar n'isso, mas... emfim... se tens muita vontade, eu te conto.

Depois de um momento de pausa em que pare-

cia coordenar as confuzas idéas que se lhe atropelavam no cerebro, começou:

— Como sabes, sou casado ha doze annos, sem que até hoje tenha tido o mais pequeno motivo de desgosto com minha mulher.

«Ha porém, cousa d'um anno que comecei a namorar uma rapariga, que eu tinha na melhor conta possivel, e que me pareceu corresponder ao meu amor tão plenamente quanto eu a estimava tambem.

«Eu cria n'ella, como se crê em Deus. O que ella dizia, era para mim tão sagrado como se fosse dito por um oraculo, e assim vivia satisfeito, sem pensar em mais nada, sem quasi me importar saber da minha mulher que tinha a coragem de me esperar até altas horas da noite, sem dormir, sem comer, e sem que a sua bocca se abrisse uma unica vez para me lançar em rosto o meu procedimento.

«Apesar de reconhecer isto, eu continuava na mesma.

«Ha porém uns tempos para cá que quasi todas as noites eu me zangava com a minha amante.

«Qualquer cousa; uma palavra mal interpretada por ella, um pequenino nada, era o bastante para se zangar comigo, e quasi chegava a ponto de me pôr fóra de caza.

«A vida tornou-se-me então em inferno. Era impossivel continuar assim por mais tempo.

«Um dia apeteceu-me fazer a surpreza, de lhe apparecer em casa mais cedo que de costume.

«Subi a escada de mansinho até ao segundo andar, que era onde ella habitava, e que tinha sido alugado por mim. Qual não foi o meu espanto ouvindo d'entro de casa umas gargalhadas de troça que me entraram pelos ouvidos e me puzeram o cerebro incandescente.

«A curiosidade aguçava-me e espreitei pelo buraco da fechadura, cuja porta da escada ficava exactamente em frente da casa de fóra.

«Sobre o sofá, estava sentado um individuo, tendo nos joelhos aquella perfida com o braço passado em volta da cintura.

«Não te posso descrever o que me passou pela vista. Cheio de rancor metti os hombros á porta e fil-a saltar em estilhaços.

«Assustados a principio, ficaram como que petrificadas, de pé, no meio da casa.

«Lancei-me a ella como um tigre sobre a preza, e deitando-lhe as mãos ao pescoço, tentei estrangulal-a.

«Elle approveitou a occasião e fugiu como um cobarde, sem ter força de m'a arrancar das mãos emquanto ella caía inanimada no chão.

«Sahi então em mim e vendo-me desgraçado, perdido, julgando-me um assassino, corri á janella e percipitei-me.»

*
* *

O pobre rapaz fez uma pequena pausa para descançar, porque esta narração o tinha fatigado bastante.

Depois continuou:

«Não te posso contar tudo quanto me passou pela mente, durante o tempo que decorreu entre o espaço que vai d'um segundo andar, até chegar á rua.

«Imagina um immenso panorama que levasse trinta e cinco annos a desenrolar-se, tanto são os annos que conto de vida.

«Desde a infancia até á actualidade, vi tudo representado n'esse quadro, onde me appareceu os bellos tempos de rapaz, o tempo em que andava estudando. Toda a minha mocidade buliçosa, as minhas aventuras amorosas. Minha mulher, minha pobre mulher que me não tornaria a ver e que esperava por mim para jantar!

«Os meus filhinhos, que iam ficar sem pae! O que seria d'elles, sem mim, sem terem quem os protegesse!

«Tudo isso me passou pela vista, com a rapidez d'um relampago, e me fez arrepender do passo que acabava de dar!

«Oh! quanta saudade eu tinha agora da vida que ia perder!

«Quanto desejo senti em voltar para traz!...

«Mas era impossivel retroceder, já ia no ar, e d'ali a pouco deixaria de existir.

«Chegava ao solo.

«De repente uma nuvem de sangue me toldou a vista e senti apertar-se-me o coração como n'um torno...

«Não me lembro de mais nada.

«Quando tornei a mim, achei-me aqui, minha mulher sentada onde tu estás, olhava-me anciosa, espreitando a todo o momento que eu désse um signal de vida.

«Quiz mecher-me e não pude.

«Foi então que sube que apenas tinha partido as pernas, e uma dôr aguda no hombro avisou me que quebrara a clavicula esquerda.

«Então dei graças a Deus por me ter poupado a vida, e lembrando me ainda do panorama que te falei, senti desejos de viver muitos mais annos, jurando a mim mesmo não tornar a caír n'outra.

«Ora aqui tens, meu caro amigo, a historia do meu *suicidio*.

*
* *

Quando sahi do hospital, vinha absorto, a pensar n'aquellas palavras que ainda me enchiam os ouvidos, e me entristeciam ao recordar a morte tão estupida a que o pobre rapaz tinha escapado, cortando assim o fim d'uma existencia preciosa, uma vida cheia de goso, por uma mulher qualquer que ia fazendo a desgraça d'uma familia inteira.

Pena é, que áquelles que pensam no suicidio, lhes não passe tambem pela mente o panorama da vida transacta, porque assim talvez fugissem á tentação.

E então por uma mulher!...

Acho frivolo.

Não me parece que haja no mundo, mulher que valha a vida d'um homem...

Ricardo de Souza.

OS MEUS LIVROS

XX

Estado actual das pescas em Portugal. — É este o titulo de um grosso volume de mais de quinhentas paginas que o illustrado official superior da armada, o sr. Antonio Arthur Baldaque da Silva, acaba de publicar, saido dos prélos da Imprensa Nacional, edição nitidissima, impressão rica, superior a algumas estrangeiras.

Ao folhear o livro vemos logo que estamos em frente de um espirito pratico, forte, com uma notavel comprehensão dos factos e de methodo do ensino.

Em Portugal não existe nada que de leve se approxime d'este trabalho, e no estrangeiro — (como O Occidente tem por assignantes os mais notaveis estabelecimentos de instrucção superior na Allemanha, Inglaterra e França recommendamos lhes a adquisição do livro *Estado actual das pescas em Portugal*,) — não nos consta que haja sobre qualquer paiz trabalho tão completo, obra tão monumental.

O auctor divide a obra em quatro capitulos.

O primeiro trata sob o ponto de vista da pesca, da grandeza, exposição, natureza e profundidade da costa occidental e meridional do reino; extensão, orientação e profundidade dos rios que atravessam o paiz; e descripção das lagôas litoraes do continente.

O segundo versa sobre a pesca maritima, fluvial e lacustre; sub-divisão da pesca maritima em pesca longinqua, do alto e costeira; classificação geral de todos os apparelhos de pesca; discripção das principaes especies de peixes, crustaceos e molluscos que povoam as nossas aguas e que teem valor definitivo para o consumo.

O terceiro, discripção e classificação de todos os portos maritimos e fluviaes de pesca do continente do reino; portos de apanha de sargaço; qualidade e numero de embarcações empregadas em cada porto; numero de pescadores; quantidade, qualidade e valor do pescado.

O capitulo quarto: sobre a *pesca longinqua*, indica os portos que aparelham navios para a pesca de bacalhau no banco da Terra Nova, e a temporada de pesca; descreve as embarcações, apparelhos de pesca e processos empregados n'esta exploração, a pesca da cavalla, sarrajão e outras especies no mar de Larache, respectiva epocha de pesca, embarcações, apparelhos e processos usados n'esta industria.

O quinto, sobre a *pesca do alto*, descreve os apparelhos e processos empregados n'esta pesca pelos pescadores dos differentes portos do continente do reino.

O sexto, trata da *pesca costeira*, descreve os apparelhos e processos usados n'esta pesca pelos pescadores dos differentes portos do continente do reino.

Setimo, *pesca fluvial*, discripção de apparelhos e processos de pesca, usados nos rios e rias do continente do reino.

Oitavo, *pesca lacustre*, discripção de apparelhos, processos de pesca empregados nas lagôas litoraes do continente do reino.

Nono, *pesca recreativa*, amadores da pesca, apparelhos e processos aperfeiçoados que empregam os amadores, instrucções sobre a construcção dos apparelhos de anzol e de rede usados n'esta pesca. É este um dos mais interessantes capitulos do *Estado actual das pescas em Portugal*.

Decimo, *apanha das plantas*, sargaço, portos de sargaço, utensilios, redes e jangadas que se empregam na colheita das plantas marinhas.

Decimo primeiro, *embarcações de pesca*, descripção dos typos de todas as embarcações empregadas na pesca exercida pelos pescadores do continente do reino.

Decimo segundo, importancia actual da pesca em Portugal.

Decimo terceiro, collecção de grande numero de leis e providencias, usos e costumes sobre a pesca em Portugal.

Com o decimo quarto capitulo termina a obra apresentando um diccionario de todos os vocabulos empregados em toda a qualidade de pesca.

Por esta exposição dos assumptos que compõem o magnifico trabalho de Baldaque da Silva, avalia o leitor o incontestavel merecimento da obra.

No prologo apresenta o auctor, com raro melindre, este verdadeiro tratado de pesca; diz assim:

«É um trabalho essencialmente pratico, que sem pretensões de sciencia, póde auxiliar os poderes publicos, os homens illusrrados, e os economistas a resolver alguns dos problemas menos conhecidos e mais interessantes sobre as pescarias nacionaes.

«Para tornar mais clara a descripção do material e processos de pesca, mandamos construir nas diversas localidades modelos reduzidos das redes, armações, apparelhos e utensilios de pesca, assim como os de todas as embarcações empregadas n'esta industria, conseguindo reunir a primeira collecção d'este genero que possue o nosso paiz, a qual por acquisição do estado figura actualmente no museu industrial maritimo da escola de desenho industrial *Pedro Nunes*, em Faro.»

No capitulo IX talvez, para os profanos, o mais interessante de todo o livro encontram-se preciosas indicações. Ensina o sr. Baldaque da Silva que os americanos são os primeiros amadores do mundo, loucos pelo instructivo divertimento da *pesca recreativa*, desde a pesca mais simples, até á grande pesca, percorrendo as costas das Carolinas, das Floridas, o Hudson, o Labrador, a Nova-Brunswick, entrando nas pescas mais arriscadas e trabalhosas. Grande numero de inglezes, não contentes de pescar no paiz, partem annualmente para o Canadá e Noruega a pescar á linha. Os francezes percorrem a Suissa, os Voges e os Pyreneus, para pescar a truta. Emfim, homens notaveis teem procurado na pesca um passatempo, chegando até a trocar alguns instantes a penna pela linha de pesca, taes como: Byron, Alphonse Karr, Walter Scott, etc.

E de facto, no *Diccionario do pescador*, de Karr, vem as seguintes palavras corroborar a opinião do illustre auctor do *Estado actual das pescas em Portugal*.

«Se indagarmos, entre os que consideram a pesca á linha uma distracção assaz ridicula, quaes os divertimentos em que passaram o dia de hontem e o de hoje, — uns teem jogado as damas e o xadrez, jogos de um trabalho inutil, que Montaigne declarava *não chegarem a ser jogos*. Outros terão jogado o voltarete, esperando á força de applicação fazer passar algum dinheiro da algibeira dos seus amigos para a sua. Bello prazer, engenhosa reunião de pessoas, das quaes a metade sae triste e descontente! E para obter este resultado passaram uma noite inteira sentados em uma sala sem ar, pronunciando estas palavras: — copas, espadas, paus, oiros, trunfo, corto, passo, quantas vasas?»

O sr. Baldaque da Silva indica todo o material necessario a este descurado *sport*, a sua applicação, e o modo de conseguir a pesca do salmão, truta, boga, escalo, tainha, mugem, xarroco, enguia, solho-rei ou esturjão, — explica tão lucidamente, com a paciencia do amigo e a sciencia do mestre, que, á simples leitura das deliciosas paginas que tratam d'este assumpto, se desperta immediatamente o gosto por este genero de diversões.

A Imprensa Nacional com a edição da magnifica obra de Baldaque da Silva, concorreu tambem para o successo do livro pela belleza do typo e elegancia dos cromos.

Ao seu illustre auctor e nosso antigo condiscipulo, o sr. Antonio Arthur Baldaque da Silva, agradecemos o volume com que nos agraciou e deu motivo a esta noticia.

Manuel Barradas.

REVISTA POLITICA

O Diario do Governo do dia 16 do corrente, publicou uma aluvião de decretos, que produziram um verdadeiro alarme. Decreto mandando proceder á eleição geral de deputados no dia 23 de outubro proximo. Decreto supprimindo o subsidio aos deputados. Decreto extinguindo os tribunaes auxiliares em Lisboa e no Porto e criando mais um districto criminal em cada uma d'estas cidades. Decreto criando um conselho disciplinar da magistratura judicial. Decreto reorganisando os serviços do supremo tribunal de justiça.

Todos estes decretos são da maior importancia, muito especialmente os que se referem aos assumptos judiciaes, mas o que mais tem preocupado os espiritos dos politicos e provocado os artigos de fundo e os noticiarios dos jornaes é o decreto que supprime o subsidio dos deputados.

Este sim, é que deu no goto; este é que tem dado margem ás mais ridiculas jeremiadas que bem provam negativamente a independencia e desinteresse da maior parte dos aspirantes a uma cadeira no parlamento. Dão por paus e dão por pedras como se alguem os obrigasse a serem deputados, e esquecendo por completo a importancia do cargo que tomam por suas mãos ao acceitarem os votos dos seus eleitores declaram-se uns meros mercenarios que acham no mandato um modo de vida como outro qualquer.

E para isto é que se tem clamado pela *vida nova!* E para isto é que se tem pedido economias e moralidade!

Mas o que entenderão os que se insurgem contra as novas medidas de economia e de moralidade por *vida nova?*

Parece que só entendem que é bom tudo o que lhe não tocar pela porta, mas como é impossivel fazer reformas tendentes a economisar despezas e a equilibrar o orçamento, sem ferir mais ou menos os interesses dos que vivem do mesmo orçamento, acontece que todos se levantam contra essas reformas que, é claro, só pediam platonicamente, armando ao effeito, para simularem que varriam a sua testada.

Nós dissemos ha tempo que as proximas eleições de deputados haviam de ser das mais curiosas que se tem realisado n'esta boa terra, e cada vez mais nos firmamos n'este pensar.

Muitas desillusões hão de sahir da urna e quantos entrarão para lá azues e sahirão encarnados ou mesmo amarellos.

E depois em S. Bento? Isso é que deverá ser bonito, com todas as trovoadas que se andam a formar.

Estamos convencidos que a camara virá dar razão ao governo de a ter posto de graça, e mais virá confirmar os poucos creditos de que ha muito gosa, desauthorisando-se por completo.

Quem viver verá, e no entanto vamos a ver o que mais ha de importante na tela da discussão.

O partido legitimista celebrou um banquete no dia 19 do corrente para commemorar o anniversario do sr. D. Miguel II, que só é segundo para não se confundir com o primeiro, que morreu ha 30 annos, como muito... ingenuamente disse o *Diario Illustrado*.

Quiz o partido legetimista com este banquete dar signaes de si, assim como se está preparando para concorrer á urna de um modo mais decidido.

E' um symptoma de vida que apreciamos e respeitamos, porque não conhecemos partido mais respeitavel do que este, em Portugal.

Outro caso prendeu as attenções e fez certa sensação no nosso mundo, foi a prisão de João Chagas, no Porto.

João Chagas, que fugira do degredo a que fôra condemnado como implicado na revolta de 31 de janeiro, homisiara se em Paris, mas ha pouco tempo teve a infeliz ideia de vir para o Porto.

A policia soube do seu paradeiro e deitou-lhe a mão, pondo-o a bordo do *India* donde sahiu no dia 20 do corrente para seguir para Africa hoje, a bordo do vapor S. Thomé, da carreira.

Tudo isto se passou, por assim dizer, n'um abrir e fechar d'olhos, quando ainda todos estavam commentando a prisão e descutindo qual seria o destino que o governo daria ao preso.

Afinal João Chagas com estas leviandades só conseguio aggravar a sua situação.

Os boatos de crise menisterial tem continuado a circular, mas parece que não tem fundamento A verdadeira crise espera-se lá para S. Bento, por causa d'estas pequenas amostras de *vida nova*.

Não se póde ser juiz com taes festeiros.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A victima de um frade *romance historico* por Wenceslau Ayguals de Izco. João Romero Torres, editor, Lisboa. Já em outra noticia nos referimos a este bello romance, e agora accusamos a recepção dos vol. IV a IX que comprehendem a segunda parte com o sub titulo *Marqueza de Bella-Flor* e a terceira parte com o sub-titulo *O Palacio dos Crimes*.

DR. JOSE' DA CUNHA CASTELLO BRANCO SARAIVA

FALLECIDO EM 11 DO CORRENTE

(Segundo photographia)

Microcephalia *conferencia feita na Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, em sessão de 21 de maio de 1892*, pelo professor Miguel Bombarda, lente da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa. Publicações da *Medicina Contemporanea*. Um folheto de 48 pag. in-8.º com uma estampa representando o cerebro da microcephala Bemvinda em diversos desenhos á camara clara.

O OCCIDENTE em 1881 deu noticia da existencia da microcephala Bemvinda, no Hospital de Rilhafolles e acompanhou essa noticia com duas gravuras representando a cabeça vista de frente e de perfil d'aquella creatura phenomenal.

Esta microcephala morreu ha tempo e o sr. dr. Bombarda, que já em 1877 se tinha occupado d'esta microcephala na sua these de concurso — *Dos hemispherios cerebraes e suas funcções physicas*, procedeu agora a um estudo directo sobre o cerebro da Bemvinda de que apresentou os primeiros resultados na conferencia acima mencionada, reservando-se mais tarde o apresentar o resultado definitivo d'esses estudos.

Somos completamente leigos na materia, no entanto a leitura do estudo agora apresentado pelo sr. dr. Bombarda, é interessantissimo para qualquer profano em sciencias medicas e por isso ainda o será mais para os que professam e estudam essa sciencia.

E' extremamente curioso, por exemplo o seguinte caso que o auctor apresentou na sua conferencia:

«O segundo microcephalo que estudei—Manuel da Silva—offerece um aspecto geral mais proximo da descripção classica: craneo extremamente reduzido, andar curvado, apparencia e só apparencia de desproporção entre os membros thoracicos e abdominaes; effectivamente a relação entre os comprimentos d'uns e outros é, como nas restantes observações, proximamente a normal — 0,76; no 1.º caso o algarismo correspondente é 0,77, no 3.º 0,84; a relação normal anda por 0,78.

Uma particularidade curiosa offerece este doente e que já tinha tido occasião de observar e de notar na microcephala Bemvinda — é o grande desenvolvimento da pelle da cabeça, que adquiriu uma extensão muito mais consideravel do que a superficie craneana que se destina a cobrir; de modo que o couro cabelludo se apresenta todo enrugado, como se, diga-se assim, houvesse roupa a mais.

Como signaes de degenerescencia noto n'este doente, alem da microcephalia, o seguinte: saliencia exaggerada das arcadas orbitarias e da porção intermediaria do frontal, consequencia da reducção do craneo; d'ahi o aspecto pronunciadamente simiano; asymetria facial não muito pronunciada; evidente prognathismo; dentes cariados, ligeiro cavalgamento de alguns, incisivos superiores muito afastados uns dos outros; glandulas spermaticas dos dois lados muito pequenas, como favas; ataques epilepticos frequentes e incontestaveis; paladar e olfacto inteiramente obturados, — o sulfato de quinina é tão agradavel como o assucar, cheira uma rosa com o mesmo agrado que uma solução de sulfureto de potassio.

O caracter, que habitualmente é da maior docilidade, soffre alternancias notaveis, não só, como em todos os epilepticos, com o estado de mal, mas ainda em condições que não pude reconhecer. Ora tolera tudo da parte dos outros doentes, ora não supporta a minima contrariedade, enfurece se e volta a colera contra si mesmo; morde-se furiosamente e tem por isso os antebraços cheios de cicatrizes.

A attenção póde-se fixar durante um tempo relativamente longo, ou simplesmente attrahida por um acto, por um exercicio que d'elle se pretenda, ou chamada por alguma idéa que lhe lisongeie o lado affectivo, — como, por exemplo, a offerta de bolos ou d'um cigarro.

Existe a memoria d'estes ou aquelles objectos de uso mais corrente—reconhece uma rosa, uma caneta, que confunde com um lapis, uma escada, etc. As acquisições não se fazem porém com facilidade; ha dias entretive o durante uma hora com o exercicio d'uma pistola, cujo nome repetiu muitas vezes; hoje porém, como vêem, é incapaz de a reconhecer. Póde contar os numeros até 4, não vae além; a noção de quantidade é porém muitas vezes alheia de toda unidade. — Quantos dedos estão aqui? — Cincoenta.— Cincoenta quê? — Cincoenta réis.

A idéa de tempo é nulla. Diz ter ora 12, ora 14 annos, quando realmente tem perto de quarenta.»

....

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39